



FEIRA DE GEOGRAFIA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO DA GEOMORFOLOGIA: UMA EXPERIÊNCIA DE EXTENSÃO DO PET-GEOGRAFIA/UECE

Yasmin Cavalcante Winck do Amaral ¹

Maria Lucia Brito da Cruz ²

Ana Katrine Camurça dos Santos ³

Mariana Silva Feijó ⁴

Gabriel Nunes Morais ⁵

RESUMO

Este trabalho discute o ensino de Geomorfologia na educação básica, a partir de uma experiência de extensão universitária realizada pelo Programa de Educação Tutorial (PET) dos cursos de Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A ação fez parte da atividade PET Mercado de Trabalho, promovendo práticas didáticas interativas voltadas às dinâmicas ambientais com alunos da Escola Estadual de Educação Profissional Salaberga Torquato Gomes de Matos, em Maranguape/CE. O referencial teórico-metodológico baseia-se na educação geográfica crítica, que reconhece a Geomorfologia como ferramenta essencial para compreender a paisagem e suas transformações, favorecendo uma leitura crítica do espaço vivido. Destacam-se os aportes de Dos Anjos Soares e Ribeiro (2004) e De Almeida Rangel (2016), que reforçam a importância de materiais didáticos como suporte à aprendizagem. A metodologia consistiu na realização de uma Feira de Geografia com foco nas dinâmicas ambientais, considerando o relevo como principal indicador. O evento, realizado em 14 de junho de 2024, envolveu turmas do ensino médio técnico em Enfermagem, Edificações, Meio Ambiente e Informática. Os bolsistas do PET organizaram mesas temáticas, com destaque para o stand de Geomorfologia, que utilizou recursos como maquetes, mapas, amostras de solo, rochas e minerais, além de cartazes explicativos. O objetivo foi tornar os conteúdos geomorfológicos mais acessíveis por meio de abordagens sensoriais e visuais. Os resultados demonstraram ampla receptividade por parte dos estudantes, especialmente dos cursos técnicos de Meio Ambiente e Enfermagem, que participaram ativamente e demonstraram interesse nos processos naturais que moldam o relevo. A avaliação feita pelos professores da escola também foi positiva. A experiência reforça o potencial das metodologias ativas em espaços não formais como estratégias eficazes de ensino-aprendizagem, fortalecendo o vínculo entre universidade e escola. **Palavras-Chave:** Ensino, Extensão universitária, Metodologias ativas, Geomorfologia.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, yasmin.winck@aluno.uece.br ;

² Professora orientadora: Dr^a. Maria Lucia Brito da Cruz, Universidade Estadual do Ceará - UECE, lucia.cruz@uece.br .

³ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, katrine.camurca@aluno.uece.br ;

⁴ Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, mariana.feijo@aluno.uece.br ;

⁵ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Estadual do Ceará - UECE, nunes.morais@aluno.uece.br



O ensino da Geografia na educação básica enfrenta, historicamente, o desafio de articular conceitos teóricos complexos à realidade cotidiana dos estudantes (Batista, 2021). No interior desse campo de saber, a Geomorfologia desponta como uma disciplina fundamental para a compreensão das formas do relevo e dos processos naturais que moldam a paisagem, porém muitas vezes é percebida como um conteúdo árido e de difícil assimilação pelos discentes, essa dificuldade decorre, em grande parte, da abordagem predominantemente teórica e descontextualizada adotada em sala de aula, o que compromete a apreensão crítica e significativa dos conteúdos (Costa et al, 2012).

Diante desse cenário, torna-se cada vez mais necessário desenvolver estratégias pedagógicas que promovam a mediação entre o conhecimento científico e a vivência dos estudantes, a utilização de metodologias práticas e interativas, como o uso de maquetes, amostras de solo, rochas e materiais visuais, representa uma alternativa eficaz para tornar o ensino de Geomorfologia mais acessível, despertando a curiosidade e o interesse do alunado (Dos Anjos Soares; Ribeiro, 2017). Tais estratégias contribuem não apenas para a assimilação dos conteúdos, mas também para a construção de uma leitura crítica do espaço geográfico (De Almeida Rangel, 2016).

Nesse sentido, o referencial da geografia crítica, que tem como base teórica os princípios da pedagogia libertadora e da análise das contradições espaciais, oferece importantes contribuições ao ensino de Geografia, essa perspectiva compreende o espaço como um produto histórico e social em constante transformação, sendo a Geomorfologia uma chave interpretativa para compreender essas dinâmicas. Assim, o ensino crítico da Geografia deve valorizar a análise integrada das dimensões naturais e sociais do espaço, promovendo uma formação cidadã e reflexiva (Couto, 2023).

A aprendizagem baseada em problemas concretos e a inserção do estudante em situações reais são elementos centrais dessa abordagem, por isso, a utilização de atividades interdisciplinares, como feiras escolares, oficinas, saídas de campo e simulações, torna-se fundamental no processo educativo. Tais práticas favorecem a autonomia intelectual dos estudantes, permitindo que se tornem sujeitos ativos na construção do conhecimento e não apenas receptores passivos de informações (De Farias, 2018).

A extensão universitária, nesse contexto, assume um papel estratégico ao possibilitar a interação entre a universidade e a escola, entre a ciência e a comunidade. Trata-se de um eixo da formação universitária que extrapola os limites da sala de aula e



projeta o saber acadêmico em direção às demandas sociais, ao mesmo tempo em que devolve à universidade experiências ricas e desafiadoras oriundas da realidade escolar, assim, a extensão torna-se, portanto, um espaço fértil para o exercício da práxis pedagógica e da formação docente crítica (Silva et al, 2023).

A experiência relatada neste trabalho insere-se nesse horizonte, sendo uma ação realizada no âmbito do Programa de Educação Tutorial (PET) dos cursos de Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE), por meio da atividade intitulada PET Mercado de Trabalho, essa iniciativa tem por objetivo aproximar os graduandos das práticas do cotidiano profissional, por meio da elaboração e execução de ações educativas em espaços escolares.

Sendo assim, a Geomorfologia, por sua característica visual e pela proximidade com o cotidiano dos estudantes, apresenta grande potencial para ser uma porta de entrada ao ensino prático no campo da Geografia, os elementos do relevo, como montanhas, planícies, vales e rios, fazem parte do imaginário coletivo e são facilmente observáveis, o que facilita a compreensão inicial e desperta o interesse do discente (Targino Alves; Lima da Costa Falcão, 2025). Além disso, os processos geomorfológicos, como erosão, sedimentação e movimentos de massa, estão intimamente relacionados a problemáticas ambientais vividas nas comunidades, o que possibilita conectar o conteúdo à realidade local (Souza; Rodrigues, 2024). Assim, ao transformar temas tradicionalmente abstratos em experiências sensoriais e interativas, a Geomorfologia torna-se um instrumento eficaz para desenvolver a curiosidade científica e o pensamento crítico desde os primeiros anos da educação básica.

Nesse sentido, o ensino da Geografia deve estar comprometido com a formação de sujeitos capazes de compreender as múltiplas dimensões do espaço, associando o conhecimento técnico-científico à realidade concreta (Christian; Souza, 2020). A Geografia crítica propõe uma educação problematizadora e contextualizada, rompendo com a fragmentação disciplinar e promovendo a leitura integrada do território, dentro dessa abordagem, a Geomorfologia adquire um caráter político-pedagógico ao possibilitar a análise das transformações da paisagem como resultado das interações entre natureza e sociedade (Alessandri Carlos, 2007). Ao considerar o espaço como categoria central e o relevo como uma de suas expressões mais tangíveis, o ensino geomorfológico ultrapassa a mera descrição de formas e passa a ser compreendido



como ferramenta de análise das contradições socioambientais que estruturam o espaço vivido.

Dessa forma, este trabalho busca apresentar e analisar a experiência vivenciada, refletindo sobre suas contribuições para o ensino de Geomorfologia na educação básica, à luz da geografia crítica e das metodologias ativas. Considera-se que a ação descrita reforça a importância da extensão universitária como elo entre universidade e escola, contribuindo para a formação de professores comprometidos com uma educação transformadora e para o fortalecimento do ensino das ciências da Terra no contexto escolar.

METODOLOGIA

O presente trabalho adota uma abordagem qualitativa de caráter interventivo e formativo, fundamentada nos pressupostos da pesquisa participante e da geografia crítica aplicada ao ensino de Geografia. A ação desenvolvida insere-se no propósito das metodologias ativas, valorizando a aprendizagem por meio da experiência concreta, do diálogo e da problematização do espaço vivido. Ao articular ensino, pesquisa e extensão, a atividade se constitui como prática reflexiva que visa não apenas à transmissão de conteúdos, mas à construção coletiva do conhecimento geográfico em contextos formais e não formais de educação.

A iniciativa realizada foi promovida no âmbito da atividade PET Mercado de Trabalho, ligado ao Programa de Educação Tutorial dos cursos de Geografia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A mesma tem como finalidade integrar os estudantes de licenciatura e bacharelado à realidade profissional, por meio de vivências que conectam teoria e prática, ciência e sociedade, com ênfase nas dinâmicas ambientais e sua relação com o ensino de Geomorfologia.

A metodologia de execução da atividade envolveu a realização de uma feira geográfica em ambiente escolar, ocorrida no dia 14 de junho de 2024, na EEEP Salaberga Torquato Gomes de Matos, que fica localizada em Maranguape/CE. Os bolsistas do PET foram organizados em duplas, cada uma responsável por desenvolver uma mesa temática a partir de diferentes subcampos da Geografia (Geomorfologia, Pedologia/Geologia, Hidrologia, Geografia Urbana e Geografia Ambiental). O *stand* dedicado à Geomorfologia utilizou maquete topográfica do Estado do Ceará, amostras



de rochas (arenito, gnaiss, conglomerado), minerais (quartzo, quartzo rosa, pirita, ametista, jaspe vermelho, drusa de ametista, citrino, muscovita), solos (neossolos quartzaênicos, latossolos, etc), mapas (geológico e geomorfológico) e cartazes explicativos como ferramentas de mediação didática. A interação direta com os alunos do Ensino Médio Técnico — dos cursos de Enfermagem, Meio Ambiente, Edificações e Informática — permitiu a coleta de dados empíricos por meio da observação participante e da escuta ativa.

A abordagem metodológica priorizou, assim, a aprendizagem significativa e a sensibilidade ambiental, considerando a Geomorfologia como um campo fundamental para o entendimento das transformações do espaço geográfico. Ao promover a experimentação e a mediação por meio de recursos sensoriais e visuais, a atividade buscou romper com o ensino tradicional expositivo, fortalecendo o protagonismo estudantil e o vínculo entre universidade e escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização da Feira de Geografia, enquanto atividade extensionista promovida pelo PET-Geografia da UECE revelou-se uma estratégia pedagógica eficaz para ressignificar o ensino de Geomorfologia na educação básica. Ao contrário das abordagens tradicionalmente expositivas e excessivamente conceituais, a proposta se sustentou na interação sensorial por meio da observação tátil de maquetes, do manuseio de rochas e minerais, do contato visual com imagens e mapas temáticos, além da escuta de explicações mediadas pelos próprios alunos. Essas interações foram complementadas pelo uso de materiais didáticos concretos (Figura 1), proporcionando aos estudantes uma experiência de aprendizagem mais próxima de suas vivências e realidades.

MATERIAIS UTILIZADOS					
 Quartzito verde	 Selenita	 Pirita	 Mapa Geológico do Estado do Ceará Fonte: Acervo - Laboratório de Estudos Morfoestruturais e Pedológicos - (LEMEP - UECE)	 Maquete Topográfica do Estado do Ceará Fonte: Acervo - Programa de Educação Tutorial dos Cursos de Geografia (PETGEO - UECE)	 Solos Arenosos e Argilosos Fonte: Acervo - Programa de Educação Tutorial dos Cursos de Geografia (PETGEO - UECE)
 Ametista	 Coral	 Quartzo			
 Arenito	 Jaspe Vermelho	 Citrino			
 Quartzito Rosa	 Gnaiss				
Minerais e Rochas Fonte: Acervo - Programa de Educação Tutorial dos Cursos de Geografia (PETGEO - UECE)					

Figura 1 - Tabela de materiais utilizados no *stand* de geomorfologia

Dentre os resultados observados, destaca-se, sobretudo, o alto nível de receptividade por parte dos alunos do Ensino Médio Técnico, em especial aqueles dos cursos de Meio Ambiente e Enfermagem. A curiosidade despertada pelos elementos apresentados — como as amostras de rochas, solos, minerais, maquetes e mapas — favoreceu não apenas o interesse imediato, mas também a construção de conexões entre o conteúdo geomorfológico e o cotidiano dos discentes (Figura 2). Nesse contexto, evidencia-se o potencial da Geomorfologia como ferramenta para promover a alfabetização científica e a leitura crítica do espaço vivido.



Figura 2 - Interação com alunos da EEEP durante apresentação do *stand* de geomorfologia

Ademais, a estrutura da feira permitiu a criação de um ambiente de aprendizagem dialógico, em que os estudantes deixaram de ser meros receptores de informações para assumirem um papel ativo no processo educativo, esse aspecto é particularmente relevante quando se considera a proposta da geografia crítica, na qual o conhecimento é construído coletivamente e ancorado nas experiências concretas dos sujeitos (Santos, 2016). A presença de recursos visuais e táteis contribuiu, portanto, para a materialização de conceitos abstratos, como planícies, depressões, processos como intemperismo, erosão, etc (Figura 3), conferindo-lhes maior inteligibilidade.

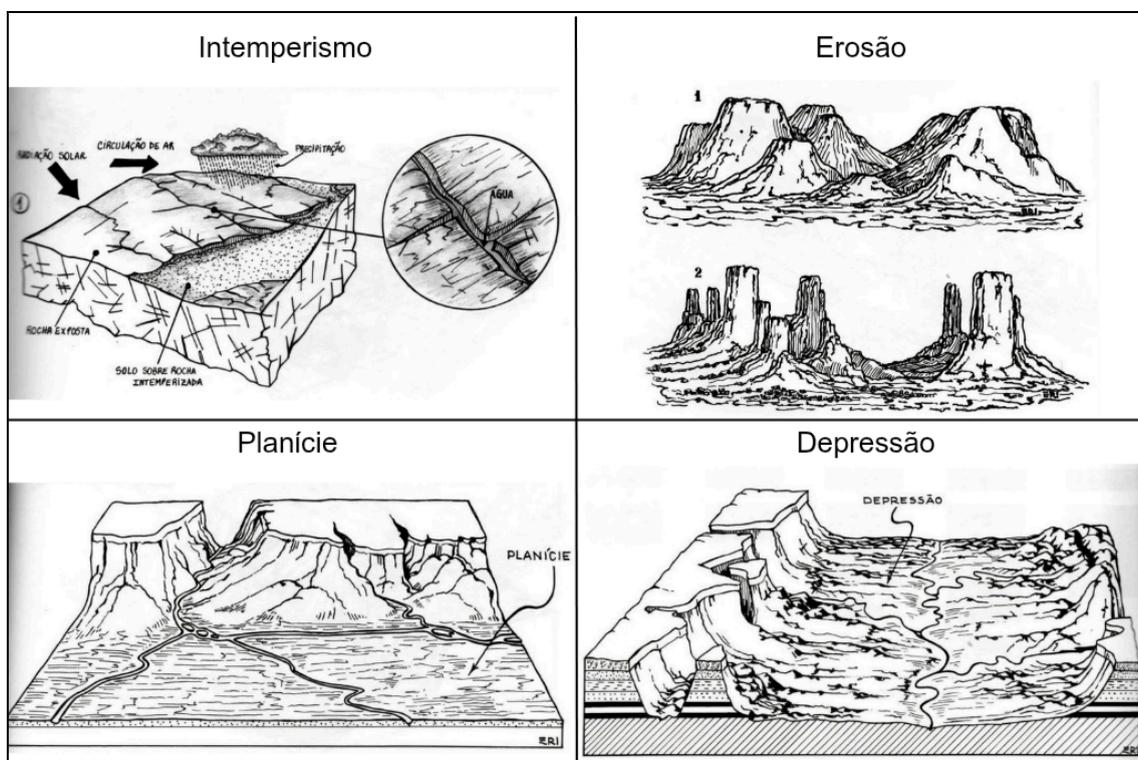


Figura 3 - Conceitos em geomorfologia
Fonte: Suertegaray, 2008.

Outro ponto que merece destaque diz respeito à avaliação positiva dos dois professores de Geografia presentes da escola anfitriã, os quais apontaram a iniciativa como enriquecedora para o currículo e experiência. Essa validação externa reforça a importância de ações de extensão como mediadoras entre a universidade e a escola, fortalecendo a função social do ensino superior e a formação docente com base em práticas significativas.

Por fim, constata-se que a atividade conseguiu articular teoria e prática de forma orgânica, promovendo o protagonismo estudantil e ampliando as possibilidades de



inserção da Geomorfologia no ensino médio. Ao estimular o interesse dos alunos por meio de estratégias interativas, a feira reafirmou o papel da educação geográfica quando esta se compromete com metodologias ativas e com a realidade concreta dos sujeitos envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da experiência relatada, torna-se evidente que o ensino de Geomorfologia pode — e deve — ultrapassar os limites da abordagem teórica convencional, sobretudo quando se adota uma perspectiva crítica e metodologias ativas de ensino. A Feira de Geografia, enquanto prática extensionista, configurou-se como um espaço significativo de mediação pedagógica, possibilitando a aproximação entre saberes científicos e realidades escolares, entre universidade e comunidade.

Ao se apoiar na experimentação sensorial e na visualidade dos conteúdos, a atividade conseguiu romper com a linearidade da transmissão de conhecimento, promovendo uma aprendizagem significativa e contextualizada. Mais do que informar, a proposta buscou formar sujeitos capazes de interpretar criticamente o espaço geográfico, compreendendo o relevo não apenas como um conjunto de formas físicas, mas como expressão das relações entre sociedade e natureza.

Além disso, a ação fortaleceu o papel social da universidade pública, demonstrando que a extensão universitária, quando orientada por princípios críticos e dialógicos, é capaz de contribuir para a formação de futuros professores mais sensíveis às dinâmicas reais da educação básica. A articulação entre teoria e prática, tão almejada nos cursos de licenciatura, encontrou na Feira de Geografia uma oportunidade concreta de exercício formativo, tanto para os graduandos envolvidos quanto para os estudantes da escola participante.

Assim, considera-se que estratégias como esta analisada representam caminhos promissores para o ensino das Ciências da Terra no contexto escolar, sobretudo quando se trata de conteúdos tradicionalmente vistos como áridos ou descolados da realidade. Ao valorizar a dimensão sensível do aprendizado e estimular o protagonismo discente, a Geomorfologia deixa de ser apenas um conteúdo curricular para se tornar uma ferramenta de compreensão da realidade vivida, contribuindo para uma educação mais crítica, significativa e transformadora.



REFERÊNCIAS

ALESSANDRI CARLOS, Ana Fani. **A geografia crítica e a crítica da geografia. Geocrítica**, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/9porto/anafani.htm>. Acesso em: 25 maio 2025.

BATISTA, Edimar Eder. Autonomia docente e questão conceitual: tecendo ligações. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 11, n. 21, p. 05-27, jan./dez. 2021. Disponível em: https://ppl-ai-file-upload.s3.amazonaws.com/web/direct-files/attachments/71676178/ffa15172-fa2e-4f0a-ad6d8/02_Artigo-01.pdf. Acesso em: 25 maio 2025.

CHRISTAN, Patrícia; SOUZA, Vanilton Camilo de. Prática espacial cotidiana no processo de significação da aprendizagem em geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 20, p. 223-240, jul./dez. 2020. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/download/767/459/2803>. Acesso em: 25 maio 2025.

COSTA, D. R.; OLIVEIRA, P. R. S.; SOUZA, D. T. M.; OLIVEIRA JUNIOR, I. **O ensino da Geomorfologia nas escolas: reflexões a partir da análise do livro didático de Geografia**. Anais do 10º Sinageo, 2012. Disponível em: <https://www.sinageo.org.br/2014/trabalhos/8/8-603-1369.html>. Acesso em: 25 maio 2025.

COUTO, Marcos. O ensino de Geografia na perspectiva histórico-crítica. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Campinas, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8661936>. Acesso em: 26 maio 2025.

DE ALMEIDA RANGEL, Luana et al. O lúdico no ensino de Geomorfologia e de Solos. **Guia de resumos expandidos**, p. 110, 2016.
de FARIAS, C. S. Aprendizagem significativa no ensino de Geografia: os benefícios da aprendizagem baseada em problemas por meio de um estudo de caso. **Revista Brasileira De Educação Em Geografia**, 7(14), p. 224–241, 2018.

DOS ANJOS SOARES, Thais; RIBEIRO, Simone Cardoso. O ensino da geomorfologia com a produção de materiais didáticos. **Os Desafios da Geografia Física na Fronteira do Conhecimento**, v. 1, p. 3594-3598, 2017.

ROSSATO, Máira Suertegaray; BELANCA, Eri Tonietti; FACHINELLO, Alexandra; CÂNDIDO, Luciane Aparecida; SILVA, Cláudia Russo da; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes (organizadora). **Terra: feições ilustradas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. 263 p.



15º SIMPÓSIO NACIONAL DE
GEOMORFOLOGIA

SANTOS, Ricardo Menezes. **A Geografia Crítica em sala de aula: reflexões a partir do ensino da questão agrária brasileira.** In: Eixo 5: Educação e Ensino das Ciências Humanas e Sociais. Sergipe, 2016.

SILVA, Ana Carla da; OLIVEIRA, Tiago Jorge de; RODRIGUES, Leandro Paiva do Monte. Contribuições da extensão universitária para a formação inicial de professores de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 15, n. 25, p. 1-20, 2023. Disponível em:

https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD1_ID15715_TB5221_03102023141509.pdf. Acesso em: 25 maio 2025.

SOUZA, Luiz Humberto de Freitas; RODRIGUES, Sílvio Carlos. Geomorfologia urbana e adaptação climática: uma revisão crítica das tendências e desafios recentes. **Physis Terrae**, v. 6, n. 2, p. 27-51, 2024. DOI: 10.21814/physisterrae.5795. Disponível em:

<https://revistas.uminho.pt/index.php/physisterrae/article/download/5795/7020/36964>. Acesso em: 26 maio 2025.

TARGINO ALVES, Y.; LIMA DA COSTA FALCÃO, C. Geografia, educação contextualizada e o estudo dos riscos. **William Morris Davis - Revista De Geomorfologia**, 6(1), p. 150–175, 2025.

